

SIMPÓSIO AT061

O DISCURSO CRISTÃO E A REPRESSÃO SEXUAL FEMININA EM “MISS ALGRAVE”

MONTEIRO, Maria Geyze Andrade Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba
geyzemonteiro@gmail.com

SANTOS, Joselma do Nascimento Lima
Universidade Estadual da Paraíba
joselma_lima.santos@hotmail.com

Resumo: A sexualidade é um tabu. Arelada ao contexto religioso se torna mais problemática, pois os discursos de repressão baseiam-se, frequentemente, na perspectiva religiosa, a qual reprime a mulher de viver sua sexualidade. Nos princípios cristãos o sexo é apenas para reprodução, toda prática sexual sem esse propósito é condenável. Até mesmo o corpo feminino, propriedade natural do indivíduo, não pertencente às mulheres, mas à igreja, ao Estado, ao homem, que ditam regras sobre seu corpo e comportamento. A partir dessas questões pertinentes, analisamos, no conto Miss Algrave contido no livro A via Crucis do Corpo de Clarice Lispector (1974), a repressão do prazer através dos “valores cristãos” representados na personagem Ruth Algrave, descrita na narrativa como uma mulher muito bonita, solteira e virgem. Metodologicamente, este trabalho baseia-se em uma pesquisa bibliográfica de cunho teórico interpretativo. Embasamos a discussão nas contribuições de Michael Foucault em Microfísica do Poder (1978) e a obra Três Ensaios Sobre a Sexualidade (1905) de Sigmund Freud. Alicerçamos, ainda, a discussão em Del Priore (2010), Perrot (2013) ressaltando novos discursos que rompem com essa repressão sexual, garantindo liberdade ao corpo feminino e discursando sobre a igualdade de gênero. O estudo realizado mostrou-nos que o discurso religioso cristão ainda exerce um domínio sobre a sexualidade feminina nas narrativas literárias no período de escrita do conto em estudo, ou seja, década de 1970. No entanto, neste período, identificamos na narrativa estudada fraturas que revelam marcas do preconceito como ferramenta de exclusão social e cultural da mulher.

Palavras-chave: Discurso cristão; sexualidade feminina; poder; corpo feminino.

Abstract: Sexuality is a taboo. Tied to the religious context becomes even more problematic, since discourses of repression are often based on the religious perspective, which represses women of the their sexuality. In christian principles

sex is only for reproduction and all sexual practice without this purpose is reprehensible. Even the female body, natural property of the individual, not belonging to women, but to the church, the state and man, who dictate rules about their body and behavior. From these pertinent questions, we analyze, in the Miss Algrave story contained in Clarice Lispector's book *A via Crucis do Corpo* (1974), the repression of pleasure through the "christian values", depicted in the character Ruth Algrave described in the narrative as very beautiful woman, single and virgin. Methodologically, this work is based on a bibliographical research of interpretative theoretical nature. We embed the discussion in Michael Foucault's contributions in *Microphysics of Power* (1978) and Sigmund Freud's *Three Essays on Sexuality* (1905). We also support the discussion in Del Priore (2010), Perrot (2013) highlighting new discourses that break with this sexual repression, guaranteeing freedom to the female body and defending gender equality. The study showed that christian religious discourse still exercises a dominance over female sexuality in literary narratives during the writing period of the tale under study, that is, 1970s. However, even in this period, we identified, in the narrative studied, fractures that reveal the marks of prejudice as a tool of social and cultural exclusion of women.

Keywords: Christian discourse; female sexuality; power; female body.

Introdução

Desde a criação do mundo, de acordo com o Cristianismo, a mulher deveria desempenhar um papel de submissão ao homem, pois estava sentenciada a pagar eternamente pelo erro de Eva, que ao comer o fruto proibido e “persuadir” Adão para que também o fizesse culminou na expulsão de ambos do jardim do Éden. Sendo assim, ao longo do tempo os discursos religiosos foram se enraizando em todas as esferas da sociedade, de modo a estabelecer regras de comportamento, modo de se vestir e se comunicar, colocando em potencial o homem como detentor de poder, até mesmo sobre o corpo feminino, limitando ainda mais a liberdade sexual da mulher. Foi ensinado, nessas instâncias, que o sexo teria como principal finalidade a procriação. Podemos fazer uma analogia dessa postura imposta às mulheres a partir do comportamento de Maria, a mãe de Jesus, que foi uma mulher digna de poder gerar o filho de Deus, virgem, pura, mas que precisou ser desposada por José, tornando inconcebível a condição de mãe solteira.

No conto ora analisado, a personagem principal, *Ruth Algrave*, reprime sua sexualidade e a de outras mulheres, concebe o sexo como algo imoral e sujo, carregando consigo discursos religiosos que a fazem pensar o desejo sexual como algo pecaminoso. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar de maneira crítica e reflexiva os discursos religiosos que reprime a sexualidade feminina presentes no conto em estudo.

Metodologicamente, este trabalho foi fundamentado nas teorias do filósofo Michael Foucault em *Microfísica do Poder* (1978) e na obra *Três Ensaios Sobre a Sexualidade* (1905) de Sigmund Freud e alicerçado, ainda, nas discussões de Del Priore (2010), Perrot (2013).

A discussão realizada mostra-se pertinente, pois, apesar de muitas conquistas que a mulher obteve durante as últimas décadas, ainda prevalece o discurso machista, patriarcal e segregador que define posições de hierarquia: o homem como detentor de poder sobre a mulher. Constata-se enraizada na sociedade uma cultura que ainda inferioriza a mulher. Partindo desses pressupostos, o conto *Miss Algrave* da escritora Clarice Lispector, tornou-se objeto de estudo, pois, narra a vida de uma mulher solitária que se abstém do desejo sexual por achar que seja algo imoral e pecaminoso. A narrativa deixa evidente uma forte repressão religiosa que será mostrada no decorrer desse trabalho.

1. Fundamentação teórica

O discurso social e religioso que reprime a sexualidade feminina afirma que o homem, por natureza, possui mais libido que a mulher, de modo que justificam a necessidade de o masculino ter várias parceiras. Com essa visão, justificam também a infidelidade conjugal, os assédios, estupros, pedofilia etc. Em contrapartida, a mulher, como se por natureza fosse desprovida de desejo sexual, é reprimida desde a mais tenra idade através do discurso machista que é reproduzido ao longo da história. Até mesmo as narrativas infantis trazem essa característica na qual as personagens femininas nunca tomam a iniciativa de se salvar, estão sempre à espera de um homem que seja seu “herói”, desse modo

é internalizado na menina que sua segurança e felicidade encontram-se no homem. De outro modo, no menino é forjado um sentimento de auto-suficiência, de domínio da mulher, no entanto, os estudiosos desconstróem estas representações do feminino e do masculino; Freud (1901- 1905), em *Os três Ensaio da Teoria da Sexualidade*, afirma que a libido é a mesma, tanto para o homem quanto para a mulher, e que a sexualidade é passível de repressões externas, como a sociedade e a religião.

Desse modo, podemos pensar o desejo sexual como uma dimensão humana que abrange não só o íntimo do indivíduo e que é não só pessoal, mas social e político, pois está ligado à reprodução ao amor e o desejo, e quando reprimida pode vir a causar doenças psiconeuróticas:

REPRESSÃO [2] Outro desfecho se dá quando, no curso do desenvolvimento, alguns dos componentes, excessivamente fortes, experimentam o processo da repressão _que, deve-se ter em conta, não equivale a uma anulação. O resultado pode ser uma vida sexual aproximadamente normal - em geral restrita -, mas com o complemento de uma doença psiconeurótica. (FREUD, 1901- 1905 p.164).

Por essas questões estarem associadas ao político e ao social, nasceu a partir do século XVIII, segundo Foucault (1988, p. 22), uma maior necessidade de falar sobre sexualidade, o interesse adivinha do poder público (Estado) afim de controle de natalidade e mortalidade. A Igreja Católica que estava aliada ao Estado e a Medicina teve um peso sobre essas questões, pois serviu como instrumento de repressão da sexualidade feminina, baseada nos preceitos religiosos criou-se um conceito de “moral” errôneo por meio do qual se negava a existência da libido na mulher. Para a Igreja o sexo se configura apenas em um meio de reprodução, e toda prática sexual sem esse fim passou a ser considerada um ato de pecado. A posição da Igreja tornou-se ainda mais repressiva depois do Concílio de Trento (1545-1563), que com o objetivo de consolidar ainda mais os dogmas da igreja católica, elaborou Cartilhas Matrimoniais, com as quais viriam uma série de ordens de como deveria se dar as relações sexuais e a própria sexualidade.

Foucault (1979), em *Microfísica do Poder*, salienta: “estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ou menos em parte, discursos de poder.” os discursos machistas e misóginos tidos como “discursos de verdade” tentam justificar todas essas questões já mencionadas, pois, trazem consigo relações de poder partindo de um ideal de verdade que não se concentra apenas na religião, uma vez que seus efeitos de poder alcançam não só o Estado, como também a medicina do século XVIII, que influenciados pela Igreja contribuíram para a repressão do prazer feminino.

Percebemos a partir dessa conjuntura, que a sexualidade tornou-se um dispositivo de poder, o qual, essas instituições usavam arbitrariamente para justificar as posições hierárquicas de controle. Como se não bastasse toda a repressão moral, a Medicina afirmava que as doenças eram transmitidas pelas mulheres, ao passo que a Igreja a considerava como fonte de pecado, conseqüentemente, semelhante ao destino de Eva, as mulheres que não estivessem dentro do requisitos impostos, teriam sua reputação manchada e estariam fadadas a viver sua vida sob os olhares julgadores da sociedade, situação na qual, Infelizmente, perduram até os dias de hoje.

2. Análise da obra

O conto *Miss Algrave*, faz parte do livro *A Via Crucis do Corpo* da escritora Clarice Lispector, publicado pela primeira vez em 1974. A personagem principal do conto em análise, *Ruth Algrave*, caracteriza-se por uma mulher que reprime seus desejos sexuais e seu corpo considerando toda forma de prazer, como pecaminosa e suja. *Ruth Algrave* mora sozinha em Londres, é datilógrafa, não come carne, é virgem e solteira. Essa repressão se efetiva através dos discursos de poder que são internalizados durante sua construção enquanto sujeito.

Primeiro ponto que nos chama a atenção é o fato de Miss Algrave sentir "nojo" dos casais que trocam carícias no parque onde frequenta. Freud em *Estudos sobre a Histeria* (1893- 1895), no Caso Dora, conceitua o " nojo " como desejo reprimido, em outras palavras, o sujeito sente o desejo mas persuadido

pelos seus preceitos, sejam eles religiosos ou morais, o considera sujo e repulsivo, o que justifica o comportamento da personagem que constitui sua subjetividade alicerçada nos preceitos religiosos que reprime sua sexualidade. No entanto, essa questão pode ter sido originada na sua infância: “Quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com seu primo Jack, na cama grande da vovó. (LISPECTOR, 1998, p. 13)

Alicerçado pelo discurso religioso, *Ruth Algrave* lembra esse fato com angústia e considera que a única maneira de amenizar essa “vergonha” é reprimindo seus desejos sexuais, pois, concebe o episódio com seu primo como algo sujo e mundano. Na sua visão, o corpo também é um objeto imoral e por isso tal qual a sexualidade, deveria ser ignorado. No entanto, “orgulhava-se muito de seu físico: cheia de corpo e alta. Mas nunca ninguém havia tocado nos seus seios” (LISPECTOR, 1998, p. 9), nem mesmo ela, pois, “Tomava banho uma só vez por semana, no sábado. Para não ver seu corpo nu, não tirava as calcinhas nem o sutiã.” (LISPECTOR, 1998, p. 9). Essa repressão se efetiva através dos discursos de poder que são internalizados durante sua construção enquanto sujeito que reprime seus desejos em obediência aos dogmas religiosos em que fora alicerçada sua personalidade.

Miss Algrave escrevia cartas de protestos para o *Time* denunciando os casais que trocavam carícias em meio ao parque que frequentava, seu discurso religioso demonizava a sexualidade humana, não aceitava que poderia sentir o mesmo, pois se considerava “mulher de respeito”, “pudica”, “virgem”.

No decorrer da narrativa, a personagem recebe uma visita de um ser, chamado *Ixtlan*. Ele tinha sobre a cabeça uma coroa de cobras entrelaçadas, mansas pelo terror de poder morrer.” (LISPECTOR, 1998, p. 10) Apaixonada, a personagem deixa de lado seus dogmas cristãos e passa a se permitir sentir desejo, no entanto, acredita que essa visita foi mandada por Deus e por isso iria se guardar só para ele, tal qual a virgem Maria que foi escolhida por Deus. Ruth não via mais o prazer sexual como algo pecaminoso *Ixtlan* agora era seu marido “Com ele não fora pecado e sim uma delícia. Não queria mais escrever nenhuma carta de protesto: não protestava mais.” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

Foi determinado pelas instituições eclesiásticas que a mulher deveria ficar à espera do homem ideal, aquele que seria seu “senhor”, no entanto, o objetivo disso seria “abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar das amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas.” ARAÚJO (2010). Por essas questões, os discursos religiosos se alicerçam na desigualdade de gênero sendo o homem racional e representante de Deus na terra e a mulher considerada causadora do despertar do furor sexual nos homens como reafirma Perrot (2013, p.83) “(...) as grandes religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos, e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos”.

No conto, observamos que *Ruth* só se considerou realizada depois de se sentir pertencente ao um homem e ter experienciado o sexo com alguém que fora “enviado por Deus”. Mas apesar de se libertar sexualmente, *Ruth* ainda fica dependente de uma figura masculina. Esse fato nos leva a refletir o quanto a repressão, seja ela de que ordem for, é nociva e aliena o sujeito de modo que o obriga a permanecer, ainda que de forma inconsciente, preso as relações de poder, numa condição de passividade diante das relações abusivas.

3. CONCLUSÃO

Mediante as considerações realizadas neste trabalho, foi possível analisar como o discurso religioso cristão ainda interfere de maneira direta na liberdade social, política e sexuada mulher, pois, ainda que se “liberte” dos dogmas religiosos e passe a viver sua sexualidade de maneira mais plena, como a exemplo da personagem *Ruth Algrave*, ela ainda necessita da figura masculina para se sentir realizada. A escritora Clarice Lispector, escreve este conto numa perspectiva muito a frente à sua época, discorre de forma bem peculiar a construção do feminino atrelado ao homem como seu “senhor”.

Durante todo esse período histórico, as mulheres tais qual a personagem anteriormente citada, reprimiram seus desejos em virtude de dogmas religiosos

impostos a partir de uma perspectiva machista e patriarcal. Portanto, podemos constatar que, apesar toda repressão social e religiosa, a sexualidade é inerente à natureza humana e independe de gênero, religião, classe social e época, não havendo assim, diferença de libido entre os gêneros, nem hierarquia biológica em detrimento ao feminino. Sendo Assim, a repressão do desejo sexual feminino é, portanto, uma construção de caráter religioso e social.

Referências

ARAÚJO, Emmanuel. **A Arte da Sedução: sexualidade feminina na colônia**. In: PRIORE, Mary Del (Org.). História das Mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 45- 77.

FREUD, Sigmund. **três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora) e outros textos (1901-1905)**. Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **1856-1939. Obras completas: estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Tradução Laura Barreto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 2, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LISPECTOR, Clarice. **A Via Crucis do Corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.